

Introdução

Quem Somos – O Grupo de Pesquisa

Em fins de 2014, na Universidade Federal de Roraima, em uma iniciativa quase solitária, apoiado por algumas discentes – Lucineide Salgado, Consuelem Sarmento e Lucineth Salgado –, o professor Sérgio Luiz Lopes constituiu o grupo de pesquisa que, ao longo dos últimos anos, cresceu e se consolidou, reunindo estudiosos que atualmente se dedicam à investigação e ao aprofundamento de um conjunto de reflexões sobre a Educação do/no Campo nas Amazônias, em especial na Amazônia roraimense.

O grupo de pesquisa *Formação de Professores, Práticas Pedagógicas e Epistemologias do Professor do Campo* (FPEC) está vinculado à Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima (LEDUCARR). São cinco os professores da Licenciatura que compõem o FPEC: Sérgio Luiz Lopes, Sheila Mangoli, Paulo Sérgio Maroti, Karla Colares e Raquel Endalécio Martins (UFRR). Além deles, o grupo conta com diversos professores colaboradores, como Érica Souza (UFAM), Marília Barbosa (CAP-UFRR), Pedro Filho (UFRR) e Maria José Soares (UFS).

Aos poucos, fomos construindo uma rede de diálogos, viabilizando uma série de eventos com diversos estudiosos da área de Educação do Campo: Salomão Hage (UFPA), Heloisa Borges (UFAM), Roseli Caldart (assessora pedagógica do Instituto de Educação Josué de Castro – RS), Alessandro Pimenta (UFT), Ramofly Bicalho dos Santos (UFRRJ), Luiz Medeiros (UFSCar), Maria José Santos (UERR), Leila Maria Camargo (UERR), Arthane Menezes (UNIFAP), dentre outros. Além dos encontros presenciais, realizamos palestras, seminários e fóruns de discussão pelo Google Meet com nomes reconhecidos nacional e internacionalmente, como o francês Bernard Charlot (Paris VIII–UFS), dentre outros pesquisadores.

Há questões que permeiam até hoje os nossos diálogos: O que é educação? O que é Educação do Campo na atual conjuntura amazônica? É possível pensar educação popular nas nossas vicinais? O que é necessário saber para se formar em Educação do Campo? É possível pensar um currículo contra-hegemônico na Amazônia roraimense? Essas questões trazem algumas respostas em nossas reflexões, as quais talvez possam estar alojadas nos nossos textos. Os escritos do grupo têm ofertado pistas de como repensar o sentido das ensinagens em nossa região, marcada pela visão eurocêntrica, alheia ao *ethos* local.

Esse contexto de estudos, reflexões e discussões desse grupo de pesquisadores proporciona a organização deste compêndio que ora apresentamos. É importante ressaltar que o título do livro – **Roça, Educação do Campo e Práticas Educativas** – nasce de nossas experiências em áreas de assentamentos, sob inspiração do programa de rádio *Momento de Roça*. Mais que influência, representa homenagem e reconhecimento ao esforço inabalável do professor e artista Paulo Sérgio Maroti para levar informação de qualidade, combater a desinformação, compartilhar conhecimento e música caipira pelo meio de comunicação de maior alcance em vicinais esquecidas pelas operadoras de celular e internet.

Destarte, os textos que construímos nesse grupo têm privilegiado a Formação do Professorado, tanto a inicial quanto a continuada, com foco na identidade dos sujeitos do campo, das águas e das florestas, nos desafios docentes, na defesa dos territórios e na articulação com movimentos sociais, como Fórum de Educação do Campo, Levante Popular, Movimento Sem Terra, dentre outros. Acreditamos que somente a partir de uma educação justa e democrática, conforme resalta Paulo Freire em seus estudos, é possível pensar em autonomia e emancipação. Nesse processo, ocupamos parte de nosso tempo tentando entender o sentido da Educação do Campo para o nosso estado, uma vez que ainda estamos em diálogo com municípios, com a intenção de, em cada secretaria de educação, haver um núcleo que trate das especificidades dos povos do campo, das águas e das florestas.

Assim, é possível reforçarmos que a pesquisa em Educação do Campo é aquela que reconhece a escola como um espaço em movimento, dinâmico e com olhar atento a suas especificidades. Ela deve

se sustentar numa reflexão crítica constante, capaz de transformar os humanos e o meio onde está inserida, posto que não se pode imaginar uma educação que não suscite a mudança societal.

Acreditamos que o grupo de pesquisa/estudos tem contribuído para a inclusão de jovens pesquisadores, discentes de graduação, militantes e interessados em entender mais acerca de Educação do Campo; é partir da consciência crítica que se fortalece novos horizontes que possibilitem melhores perspectivas a todas e todos; afinal, a realidade na qual estamos inseridos não nasce do nada, mas como um processo de construção dos sujeitos históricos. Por essa razão, devemos ter a clareza sobre a importância do trabalho coletivo e da luta contra-hegemônica.

Os nossos encontros sempre foram idealizados a partir de diálogos e interesses coletivos de nosso grupo e das reflexões sobre ensino nas Amazônias, políticas educacionais, identidade docente e identidade das populações locais. A partir deles, construímos questões como: será que todos os nossos debates e reflexões são interessantes para repensar o sentido da educação em nossa região? Que visão nossos amigos têm de nossos diálogos e como pensam a educação para os povos do campo, das águas e das florestas? Repetiram-se nos debates em nosso grupo: “é preciso entender os conteúdos ensinados nas escolas”, “valorização de saberes da tradição”, “o que é território?”, “identidade: o que é?”, “o que é formar para atuar nas escolas do campo?”, “é possível pensar em práxis revolucionária nas nossas comunidades?”, “é possível romper com o ensino tradicional?” Aos poucos, fomos construindo um espaço coletivo capaz de refletir sobre outro *ethos* e outras epistemologias para as nossas realidades. Aprendemos que estamos no caminho certo, aquele no qual a educação é capaz de afirmar novas utopias.

A ambiência de nosso grupo possibilita que exista um campo vivo, capaz de pensar e refletir sobre os elementos da cultura, da educação, do território e de suas territorialidades. Nosso grupo, juntamente com os movimentos sociais, segue atento, sensível às dimensões culturais e identitárias, na tentativa de construir uma educação que dê conta desse *ethos* amazônida, cultural e identitário.

É visível que o país não está mais surdo aos movimentos que resistem e lutam por equidade social, justiça curricular, direitos humanos, direito à terra, ao trabalho, à dignidade, à cultura e à educação. Nós, que fazemos parte da resistência por uma Educação do Campo, não podemos nos calar, pois precisamos perceber que muitas ações e práticas educativas reflexivas brotam em nossa cotidianidade. A Educação do Campo sempre foi marginalizada, mas tem mostrado o seu rosto, rompendo com caricaturas históricas apresentadas ao povo do campo. Não se pode mais reduzir a escola do campo à professora pouco qualificada ou às massas de analfabetos. Desse modo, percebe-se uma visão autoritária sendo desconstruída por um conjunto de práticas inovadoras e sérias que emergem coladas ao movimento social e cultural do campo.

Os educadores e as educadoras presentes no FPEC não são ingênuos, pois sabem dos reais problemas do campo. Nesse sentido, percebemos que se trata da ideia de reverter aquilo que historicamente foi naturalizado como espaço de atraso, demonstrando que é possível pensar em um projeto de desenvolvimento que atenda a seus reais interesses – um projeto orientado por outros valores e princípios.

Acreditamos que o centro de nossas atividades no FPEC está assentado no ser humano, nos processos capazes de humanizar de maneira mais plena. Precisamos nos assumir como pesquisadores, pesquisadoras, trabalhadoras e trabalhadores da formação humana e entender que as escolas do/no campo devem ser postas na esfera dos direitos humanos, dos direitos das pessoas que protagonizam, vivem, ocupam e trabalham no campo em nossa Amazônia roraimense.

Com base nessas concepções de sociedade e educação, esta coletânea reúne um conjunto de reflexões em que cada capítulo, preservadas as especificidades de estilos dos autores, mantém em comum esse entendimento de formação humana.

No capítulo 1, intitulado **Matrizes epistemológicas da Educação do Campo**, é abordada as principais matrizes epistemológicas da Educação do Campo, que incluem a Pedagogia Socialista, a Pedagogia do Oprimido e as contribuições da Educação Popular e da Pedagogia do Movimento Sem Terra. Essas matrizes, de forma articulada, têm possibilitado experiências concretas na educação do campesinato bra-

sileiro e apontam para o direcionamento de novas lutas e tarefas. Por meio desse estudo, as autoras buscam demonstrar que o conhecimento das matrizes epistemológicas da Educação do Campo é fundamental para sua consolidação como um campo de conhecimento crítico e de práxis revolucionária, além da lógica do capital.

O capítulo 2, com o título **Relato de experiência: a arte-educação e Educação do Campo – programa de rádio *Momento de Roça***, trata da experiência no programa de rádio *Momento de Roça*, vinculado a um projeto de extensão da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Essa ação busca trazer, por meio da música entoada de viola caipira de dez cordas e de entrevistas, o ritmo associado ao campo e à agroecologia com foco em suas ruralidades, educomunicação e Educação do Campo.

O capítulo 3, **Formação docente para a transformação social: a educação como direito**, realiza uma discussão sobre educação enquanto parte de uma experiência endoculturativa, ou seja, um processo de aprendizagem e de assimilação do conhecimento. Trata-se de um momento em que o indivíduo toma por base as relações sociais, seu modo de vida, suas experiências e crenças de sua cultura. O texto também evidencia o papel dos movimentos sociais na transformação das realidades dos indivíduos.

O capítulo 4, intitulado **A contribuição da Sociologia na formação da identidade dos alunos do ensino médio oriundos do campo**, explora as contribuições da disciplina de Sociologia para a formação identitária dos alunos que moram no espaço campo. Esse capítulo oferece uma visão geral sobre a história da educação no campo, abordando sua origem, surgimento no Brasil e em Roraima. Além disso, apresenta uma discussão sobre a história da ciência e da disciplina Sociologia, incluindo seu início no Brasil, e uma análise sobre sua presença em Roraima. Por fim, os autores pretendem contribuir para as discussões acerca da relevância da Sociologia como disciplina do ensino médio.

O capítulo 5, **Desafios e lutas na construção de um currículo para os povos ribeirinhos: uma análise crítica da realidade da educação no Baixo Rio Branco**, realiza um diálogo sobre a Educação do Campo com ênfase na educação dos povos das florestas e

das águas, partindo da realidade dos ribeirinhos e respeitando as suas especificidades e as diversidades da cultura desses povos tradicionais.

O capítulo 6, intitulado **As perspectivas e os desafios dos/as egressos/as da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima**, propõe-se a compreender os desafios profissionais dos egressos e traz algumas reflexões acerca da identidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

O capítulo 7, denominado **Ensino de Língua Portuguesa na pandemia: exemplos e contrastes dos contextos rural e urbano**, faz uma comparação entre as práticas de produção de textos, durante a pandemia de Covid-19, em duas escolas do estado do Pará: a primeira na zona urbana, cidade de Palestina do Pará, e a outra na zona rural, na cidade de Brejo Grande do Araguaia – ambos os municípios distantes 500 quilômetros da capital, Belém. O capítulo apresenta como os contrastes sociais e educacionais das duas realidades impactaram profundamente a sala de aula durante a pandemia.

O capítulo 8, **Assistência estudantil e condições de permanência dos acadêmicos da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima**, busca compreender o contexto social em que os alunos estão inseridos e como a assistência social tem contribuído para a permanência dos estudantes na universidade em tempos atuais.

O capítulo 9, intitulado **Os desafios da alfabetização no contexto da Educação no Campo: percepções de docentes e pais de alunos beneficiários do Programa Auxílio Brasil em uma escola do campo em Bonfim/RR**, apresenta uma pesquisa que ganha especificidade nas relações sociais, ao convergir conhecimentos de áreas distintas, com o objetivo de melhor atender às demandas que se apresentam no ambiente de trabalho, as quais são comuns e se relacionam diretamente com o contexto educacional. Por meio desse estudo, os autores fazem uma análise do resultado da pesquisa sobre o processo de alfabetização de alunos beneficiários do Programa Auxílio Brasil, realizada em uma escola do campo em Bonfim/RR, a partir das percepções de docentes e pais de alunos.

O capítulo 10, **A Educação do Campo e a construção dos saberes pelos povos da Amazônia roraimense**, é um estudo biblio-

gráfico referente à epistemologia da Educação do/no Campo. Por meio de elementos locais articulados a teóricos, enfoca questões relativas à construção do conhecimento pelos povos dos campos, das florestas e das águas, e de suas identidades. Embora a Amazônia roraimense, com suas nuances e diversidades culturais, étnicas e identitárias, seja parte integrante desse gigante denominado Brasil, por vezes o conhecimento de sua população sofre depreciação. Contrapondo-se a essa visão discriminatória, os autores destacam o papel desempenhado pelos movimentos sociais na busca pelo fortalecimento dos pilares que sustentam e tornam esta Educação do/no Campo cada dia mais presente e em ascensão no cenário educacional roraimense.

O capítulo 11, intitulado **Movimento Social Negro e Práticas Educativas Decoloniais em Roraima**, propõe reflexões sobre as contribuições do Movimento Negro, a partir de Roraima, para a construção do pensamento decolonial e para a desconstrução de práticas racistas, por meio de uma educação emancipatória. Os autores problematizam a persistência de relações sociais, políticas e culturais desiguais, moldadas pelo colonialismo, e indicam que, ao promover a conscientização e incentivar a formação de professores antirracistas, o movimento contribui para a preparação de sujeitos capazes de desafiar as estruturas coloniais de poder que perpetuam a desigualdade. Discutem, ainda, as bases para a construção de uma sociedade justa e igualitária, por meio das ações do Movimento Negro em Roraima em defesa de uma educação que reconheça e valorize a diversidade cultural.

O capítulo 12, **Sair, voltar ou ficar: a problemática da juventude rural da Vila de Entre Rios - RR**, traz para discussão questões relativas à juventude rural, enfocando as razões para a migração dos jovens da Vila de Entre Rios. Provoca reflexões sobre os meios e modos de vida camponesa; os conflitos entre o apelo social e econômico urbano e a perspectiva de vida no meio rural, em particular a cultura e as raízes familiares desses jovens; a relação entre o movimento migratório e a identidade camponesa, construída ou perdida, nos movimentos de permanência ou de saída do meio rural; o forte apelo educacional e, conseqüentemente, profissional, relacionado à transferência dos jovens para a cidade. A expectativa de melhores oportunidades no

campo como um fator importante para a permanência da juventude no meio rural perpassa as análises e falas dos entrevistados, evidenciando a necessidade da atuação do poder público na construção de um território promissor e com condições dignas de vida para os povos do campo.

Na mesma perspectiva, o capítulo 13, **“Educação emancipatória como fundamento de projeto de desenvolvimento de comunidades camponesas”**, provoca reflexões sobre os meios e modos de vida camponesa, ao discutir os desafios que a educação enfrenta para a promoção do desenvolvimento das comunidades rurais. Na tentativa de contrapor a desvalorização histórica da cultura e do conhecimento das populações camponesas e identificar as possibilidades relacionadas ao desenvolvimento do campo, problematiza a relação dicotômica entre urbano e rural, bem como a necessidade de resistência à concepção estigmatizada e depreciativa do ambiente rural, por meio de experiências e realidades promissoras. Dessa forma, cumpre o propósito de colocar em relevo as contribuições que a educação do campo pode oferecer para subsidiar as experiências empreendedoras de sucesso em comunidades no meio rural, apontando a influência do modelo educacional e sua contribuição para a formação das pessoas e para o desenvolvimento econômico, social e político das comunidades rurais.

Apresentado o livro em suas linhas gerais, resta-nos agradecer:

- ♦ Aos membros do Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Práticas Pedagógicas e Epistemologias do Professor do Campo (FPEC);
- ♦ Aos colegas professores da Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) da Universidade Federal de Roraima (UFRR);
- ♦ Ao querido amigo reitor, Ticianelli, que esteve presente em muitos momentos nos últimos anos, pelo carinho e atenção com o nosso grupo;
- ♦ Aos bolsistas que colaboraram com nosso grupo ao longo desses dez anos de existência, na figura dos atuais, Olivier e Tamará, pela dedicação;
- ♦ Aos amigos alunos que estão diariamente conosco, Lidinara, Edinete, Leonardo, Eduardo, representando um sem número

de outros que, ao longo de suas graduações e pós-graduações, tornaram nossa sala movimentada, viva, espaço coletivo de partilha de vivência e conhecimento;

- ♦ Ao Fórum de Educação do Campo, ao Centro Acadêmico da LEDUCARR, ao MST, à CPT, ao Levante Popular e a muitos outros movimentos que participam das lutas constantes por uma educação de qualidade na Amazônia roraimense;
- ♦ Aos amigos que discutem Educação do Campo na região: Borges, Ambrósio, Hage, Camargo, Ghedin, dentre outros;
- ♦ Aos discentes da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima, inspiração para as nossas discussões;
- ♦ E aos programas de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Roraima e da Universidade Estadual de Roraima, que têm nos acolhido ao longo dos últimos anos para que possamos desenvolver pesquisas em Educação na tríplice fronteira.